

# OLHAR A TERRA VER O CÉU.

“Olhar a Terra, Ver o Céu”  
expõe paisagens dos artistas  
contemporâneos Danielle Noronha,  
Henrique Detomi, Maurício Parra e  
David Almeida

**Em cartaz a partir de 06 de julho de 2024, a** exposição Olhar a Terra, Ver o Céu, comemora o aniversário de 60 anos do Palácio Boa Vista levando a arte contemporânea para a Serra da Mantiqueira.

Com curadoria de Rachel Vallego, “Olhar a Terra, Ver o Céu” propõe uma discussão sobre a paisagem na contemporaneidade a partir da produção de quatro artistas: Danielle Noronha, Henrique Detomi, Maurício Parra e David Almeida. Colocando em choque noções tradicionais da pintura de paisagem, ao focarem na experimentação de materiais e técnicas e na noção de viagem, que perpassa a poética desses artistas, valorizando a experiência sensível de estar no mundo, possibilitando uma reconciliação entre interior e exterior, visível e invisível, terra e céu.

A exposição inaugura uma nova sala do Palácio Boa Vista dedicada a mostras temporárias de artistas contemporâneos convidados. O novo espaço se propõe a instigar debates sobre temas atuais e lançar novos olhares para as obras que já pertencem ao acervo. “Olhar a Terra, Ver o Céu” traz 41 obras e estará aberta até 6 de outubro de 2024.

“O Palácio Boa Vista é um importante equipamento cultural da cidade de Campos Jordão e pretendemos ampliar sua ação com a sociedade, trazendo artistas contemporâneos e potencializando atividades que tornem esse espaço parte do dia a dia da população jordanense e ampliem sua importância cultural e turística”, declarou a Curadora do Acervo dos Palácios, Rachel Vallego.

As novas exposições do Palácio Boa Vista se inserem no novo momento do Acervo dos Palácios, cujas ações se iniciaram em abril de 2024 com a exposição “São Paulo: Povo, Terra e Trabalho”, também com curadoria de Vallego. Essas iniciativas buscam inserir a coleção nas discussões da atualidade, permitindo novas interpretações, bem como trazer tais discussões para dentro dos espaços dos palácios.

**Dos pintores naturalistas do séc. XVII à dissolução** dos gêneros artísticos desde a modernidade, a pintura de paisagem segue despertando interesse dos artistas contemporâneos. Se para Milton Santos a paisagem é apenas uma porção da configuração territorial possível de ser abarcada pela visão, para Jean-Marc Besse a paisagem é constitutiva da compreensão de mundo da modernidade, uma vez que envolve o sentido de responsabilidade ética de habitar a Terra, mantendo viva a relação entre a humanidade e a natureza.

Gosto de pensar a paisagem como a linha entre o céu e a terra, que cria um estado de alma, um desejo de comunhão com o espaço que nos cerca. A paisagem é descentralizadora da experiência pois coloca em perspectiva nosso estar no mundo. No inglês arcaico, *landscape*, tem o sentido de moldar a terra com o corpo, estando ligada as práticas agrárias para sobrevivência da comunidade, e apenas posteriormente desenvolveria o sentido de uma cultura do olhar. Ou como Eric Dardel nos lembra, a geo-grafia, ou seja, a grafia da terra, escrevemos na superfície da Terra, e essa escrita é a paisagem.

Ao propor essa exposição, procura-se retomar a reflexão sobre a paisagem a partir do reencontro com a natureza pela visão de quatro artistas: Danielle Noronha, Maurício Parra, David Almeida e Henrique Detomi. Privilegiamos aqui o sentido da experimentação, de como esses artistas vivenciam a paisagem em suas obras. A materialidade como norteadora da experiência evidencia o caráter contemporâneo dessa produção, uma vez que a paisagem surge como ponto de inflexão do gênero artístico para um modo de estar no mundo.

A produção de Henrique Detomi parte da conexão do corpo com o espaço através do caminhar. Andar sem destino o permite estar no presente, em conexão com o ambiente. O contato com a terra nessa deambulação reflete diretamente nas massas pictóricas de suas obras. A camada grossa de tinta e cera enfatiza a visceralidade da terra, ao mesmo tempo que acentua o contraste com as áreas abertas, onde a superfície aparente se torna abissal. Ao deixar exposto os vários tipos de preparação da tela ou madeira, o artista também provoca um diálogo com a historicidade da técnica ao subverter a expectativa de preenchimento pela materialidade estrutural. Esse jogo de cheios e vazios, matéria crua e densa, evoca, assim, uma noção de esfarelamento da realidade.

Há uma história comum que perpassa esses quatro artistas, que tem como ponto de convergência a propriedade da família de Maurício Parra, em Pindamonhangaba, onde os quatro amigos se reuniram muitas vezes, para saídas para sessões de pintura ao ar livre. Nas obras de Parra vemos essa silhueta do mar de montanhas verde escuras da região do Vale do Paraíba deslumbrarem nossos olhos. Da paisagem como exercício à paisagem como ofício, Parra entende que cada instante na paisagem é frugal. Ao aceitar que o olhar jamais captura aquilo que vê, sua pintura recolhe fragmentos desse sentimento que é estar na paisagem.

É interessante observar como David Almeida transita entre uma gama variada de suportes.

O desejo por moldar a superfície o levou ao barro cerâmico, no qual ele deixa marcas da manipulação aparentes, criando uma textura para a pintura que acontece posteriormente. Suas paisagens transitam entre pequenas placas de madeira que ele encontra pela cidade, por vezes criando composições com fragmentos. O suporte em madeira é uma técnica compartilhada pelos artistas. A preparação do bolo armênio sobre madeira cria uma superfície lisa que possibilita experimentações com mídias variadas, como óleo, tempera, aquarela.

A subversão da técnica também faz parte da produção de Danielle Noronha. Ao se dedicar a paisagem a artista experimenta a materialidade da terra na coleta de pigmentos para produção de tintas. A pesquisa e aplicação sobre diferentes superfícies cria resultados surpreendentes, como uma aquarela sobre tecido, de grandes dimensões. Aceitar como os materiais reagem entre si reforça a importância do estar no movimento do mundo. A passagem do dia, as mudanças na luz, o movimento constante de tudo o que nos cerca, vibram sem pudor na obra de Noronha. Entende que qualquer resultado é provisório, não se satisfaz com efeitos, mas permanece em busca daquilo que é essencial.

É importante notar como a noção de viagem é cara aos quatro artistas, uma vez que a paisagem implica em deslocamento. Como Robert Smithson comenta, a cidade dá a ilusão que a terra não existe. A construção das cidades criou um distanciamento da terra, nos esquecemos que por baixo de ruas, calçadas e prédios, pulsa uma terra viva. Recuperar que a palavra paisagem deriva do latim *pagina*, cujo um dos sentidos seria "parcela de vinhedo cultivado" será determinante. Aqui é necessário retomar o sentido do prazer, implícito no cultivo da uva, na produção do vinho. Silenciosamente resiste na paisagem o culto a Dionísio ou Baco. Deus do êxtase, evoca emoções profundas que podem proporcionar um abandono da consciência habitual, em busca de integração com o todo. Talvez seja por isso que a paisagem nos compele tanto. O reencontro com a natureza se tornou uma necessidade para reconexão com o sagrado, para recuperar o sentido afetivo e sensível de estar no mundo. Dessa maneira, a experiência estética se traduz numa reconciliação entre interior e exterior, visível e invisível. Olhar a Terra, Ver o Céu.

**Rachel Vallego**  
Curadora



**Rachel Vallego** é a Curadora do Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo desde setembro de 2023. É Doutora em Estética e História da Arte pela Universidade de São Paulo (USP - 2019), mestra em Artes (2015) e graduada em Artes Plásticas pela Universidade de Brasília (UnB - 2012). Realiza pesquisa sobre arte moderna e contemporânea, com ênfase nos processos de consagração do Modernismo e o mercado de arte durante a década de 1970.

Entre 2016 e 2018, foi assistente de curadoria de Denise Mattar. De 2020 a 2023, foi Coordenadora de Conteúdo para Base7 Projetos Culturais, realizando exposições nacionais e internacionais como: "Brasilidade Pós-Modernismo" (2021-2022); "Ideias: O Legado de Giorgio Morandi" (Prêmio APCA melhor exposição internacional 2021); "Chiharu Shiota Linhas da Vida" (2020), no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB).

Em 2021, participou do grupo de curadores da exposição "Projetos para um cotidiano moderno: Brasil 1920 - 1960", MAC-USP. Pesquisadora para exposição "Moderno Onde? Moderno Quando? A Semana de 22 como motivo", com curadoria de Aracy Amaral e Regina Teixeira de Barros, realizada em 2021, no MAM-SP. Em 2022, foi assistente de curadoria de Aracy Amaral na exposição "José Cláudio: uma trajetória", na galeria Nara Roesler; curadora da exposição "EntrePanos: rupturas do moderno e contemporâneo", na Casa Fiat de Cultura, BH e recebeu Menção Honrosa no concurso APEX Brasil "EXPO OSAKA 2025", pelo projeto de curadoria para o escritório ARQBR. Em 2023, foi curadora adjunta de Ana Avelar na exposição "Ohtakes: Abstração Intuitiva", realizada na Casa Caldas, Brasília, e curadora da exposição "Rastro dos Restos", de Ricardo Ribenboim, no MAC-USP.

Coordenadora de projetos e produção do grupo de pesquisa Academia de Curadoria, UnB, responsável pelo desenvolvimento do projeto ARTEMIDIAMUSEU, coleção de arte digital para o Museu Nacional de Brasília, realizando as exposições virtuais "Segue em anexo", "Arquivo Indisponível", "Aceitar e Continuar" e a exposição presencial "Atualização do Sistema", no Museu Nacional de Brasília, de dezembro de 2023 a março de 2024.

Em 2023 foi contemplada com a bolsa de pesquisa da Cátedra do Centro Brasileiro de Estudos da América Latina (CBEAL), da Fundação Memorial da América Latina.

## HENRIQUE DETOMI

Doutorando em Poéticas Visuais pelo IA Unicamp. Mestre em Poéticas Visuais pela ECA USP (São Paulo, SP), 2020 e Bacharel em Artes Plásticas pela Escola Guignard/ UEMG (Belo Horizonte, MG), 2010. Henrique Detomi é artista visual, desenvolve sua pesquisa em torno da pintura e da paisagem, trazendo questões a respeito das formas como nos relacionamos com os espaços naturais. Suas últimas individuais foram: Em Pé na Beira do Abismo na Galeria Periscópio (Belo Horizonte, MG), SAGOMA na Casa Fiat de cultura em 2021 (Belo Horizonte, MG), Espaço Transitório no BDMG Cultural (Belo Horizonte, MG) em 2018; Participou de diversas mostras coletivas entre elas se destacam: Daqui a Pouco na Galeria Baró (São Paulo, SP), Scapelands na Galeria Galeria Marta Traba - Memorial da América Latina (São Paulo, SP) ambas em 2018 e o 15º Programa de exposição do MARP (Ribeirão Preto, SP). Participou de várias residências artísticas destacando-se: Casulo, Fêmea Fabrica, (Campinas, SP) em 2021, ArtFarm Project, Galpões Tico-tico, (Amparo, SP) em 2019 e a 13ª Residência Artística RedBull Station, (São Paulo, SP) em 2017. Salão de artes de Ubatuba, SP, 2022, em 2020 participou do Salão de Arte Pequenos Formatos de Britânia, GO, do Salão de arte de Itajaí em 2018 e do Salão Arte Londrina em 2019. Recebeu o prêmio visualidades no salão Nascente USP em 2018 e em 2012 menção honrosa no Salão de Artes Plásticas de Praia Grande, SP.

@henriquedetomi



*Sem título da série minutos antes do fim*, 2023, óleo sobre madeira preparada com cola de pele, 40X53X4cm

## DANIELLE NORONHA

Artista visual e mestre em poéticas visuais pela ECA/ USP. A aquarela, a pintura a óleo, a têmpera, a gravura em metal e o desenho são as linguagens com as que trabalha de forma mais recorrente nos últimos anos. O ateliê; paisagens pelas quais passou ou que sonha percorrer; o autorretrato e, mais recentemente, a representação do movimento através das imagens de cavalos são nichos temáticos de interesse, realizados alternadamente e concomitantemente desde 2018. Indicada ao Prêmio Pipa, 2023.

@noronha.danielle



*Capela*, 2023, aquarela sobre cambraia de linho sem chassi, 80X150cm

## MAURÍCIO PARRA

Nasceu em 1976, em São Paulo, SP, cidade onde vive e trabalha. É formado em Arquitetura e Urbanismo pela Unitau. Utiliza-se das técnicas da pintura a óleo, da gravura em metal para representar o universo de interesse de seu olhar. Freqüentou os ateliês de artistas como Rubens Matuck, com quem aprendeu sobre suportes, pintura a óleo e aquarela, o ateliê de gravura do museu Lasar Segall, onde se aprofundou no aprendizado das técnicas de gravura em metal, e o ateliê do mestre impressor Roberto Grassmann. Participa de exposições e salões dentro e fora do Brasil desde 2006. Em 2007 recebeu Premio especial na 3ª Bienal de Nacional Gravura de Atibaia. Em 2009 recebeu menção Honrosa na Internacional Small Engraving Salon, na Romênia e no mesmo ano o premio de Jovens Artistas realizado pelo Espaço Cultural Citi Bank. Realizou residências em Gludsted na Dinamarca em 2013 e em Marianowo, Polônia em 2015. Como resultado das duas residências fez duas exposições na Galeria Mezanino, SP. "Memórias do sol as 21h30" em 2014 e "Um Verão em Marianowo" em 2015. Em 2016 realizou a exposição Individual "A ausência é um estar em mim" na Galeria Mezanino e mais recentemente participou da Coletiva EscapLand na Galeria Marta Traba no Memorial da América Latina.



*Mantiqueira vista da estrada do pesqueiro,* 2019, óleo sobre madeira preparada com bolo armênio, 20x25cm

## DAVID ALMEIDA

David Almeida é formado em Artes Plásticas pela Universidade de Brasília. Entre suas principais individuais estão: Arriba do Chão, Millan, São Paulo, SP (2022); A task of wonders, durante a residência no Espronceda Art Center, em Barcelona, Espanha (2020); Lindeza, Referência Galeria de Arte, Brasília, DF (2019); Encalço, Mult.i.plo Espaço Arte, Rio de Janeiro, RJ; Paradeiro, Zipper Galeria, São Paulo, SP (2018) e Asseidade da Fenda, Elefante Centro Cultural, Brasília, DF (2016).

Indicado ao Prêmio PIPA em 2022, foi premiado em 2015 e 2013 pelo Salão de Arte de Jataí, em 2014 pelo 20º Salão Anapolino de Arte e em primeiro lugar no I Prêmio Vera Brant de Arte Contemporânea em 2016. Participou de mostras coletivas como Paisagem interior, Casa Zalszupin, São Paulo, SP (2023); Stranger than Fiction, Galleri Magnus Karlsson, Estocolmo, Suécia (2023); Contramemória, Teatro Municipal de São Paulo, SP; In Residency, Residency Unlimited, Nova York, EUA (2022); Postcards, Galleri Magnus Karlsson, Estocolmo, Suécia, Um lugar nenhum: Paisagens contemporâneas, Galeria Marília Razuk, São Paulo, SP (2021); Segunda Natureza, Fernando Pradilla, Madrid, Espanha (2020); Triangular – Arte desse século, Casa Niemeyer, Brasília, DF (2019); Scapeland – Território de Transito Livre, Memorial da América Latina, São Paulo, SP (2018); UNS, Library of Love, Contemporary Art Center, Cincinnati, EUA (2017); Salão Transborda Brasília 2016, Caixa Cultural Brasília, DF (2016), entre outras.



*Sem titulo,* 2022, óleo sobre tela, 20X25X2,5cm